

HISTÓRIA DE INCLUSÃO: VENCENDO PELA PERSISTÊNCIA

A STORY ABOUT INCLUSION: VICTORY THROUGH PERSISTENCE

Mirella Dangelo VIVIANI¹

RESUMO

Este relato apresenta o movimento de uma jovem com paralisia cerebral em busca do reconhecimento de sua capacidade de viver as experiências comuns a outros jovens de sua idade. A aluna, que estudara em contexto de escola especial desde sua infância, é acompanhada pela coordenadora na manifestação do desejo de fazer um book para ser modelo, na solicitação de utilizar livros didáticos do ensino regular e finalmente na reivindicação do direito de freqüentar o curso supletivo próximo a sua residência. Professora do supletivo e colegas de sala dão seus depoimentos sobre a inclusão da aluna com deficiência física na ocasião em que a equipe pedagógica da escola especial visita a escola nova.

Palavras-chave: *Inclusão; Deficiência física; Paralisia Cerebral.*

ABSTRACT

This report presents the journey of a young woman with cerebral palsy in search of recognition of her capacity to live the experiences common to other young women her age. This student, who had been in special schools since childhood, is supported in her requests for social integration by the educational supervisor of the special school, as she makes known her wish to be a model and make a photo book, as she manifests her desire to use regular scholastic textbooks and finally as she fights for the right to study in an adult education class near her home. This report also presents the personal views of the adult education teacher and classmates on the inclusion of the new student with physical disabilities, when the educational team from the special school visited the regular night school.

key words: *Inclusion; Physical disabilities; Cerebral Palsy.*

⁽¹⁾ Especialista em Psicopedagogia pela Escola Psicopedagogia de Buenos Aires. Coordenadora Psicopedagógica da Associação Educacional Quero-Quero de Reabilitação Motora e Educação Especial.

Inclusão: movimento para dentro; caminho em direção para aproximar-se de algo; passagem para um novo estado, nova forma.

Surge o desejo de viver a inclusão

Algumas histórias são contadas a partir do prisma do desejo do portador de deficiência em vivenciar o mundo de todos, experimentar o que é comum e socialmente oferecido às pessoas em geral que crescem naturalmente, convivendo com as ofertas afetivas e sociais que a comunidade oferece. Falo especificamente de atividades culturais, como esporte e dança, do direito de votar nas eleições, ou mesmo da vivência na escola que pontua e qualifica o conhecimento nos certificados de conclusão.

A aluna Sandra na Associação Educacional Quero-Quero

Este lugar para onde volto minhas reflexões está conectado à vivência de uma aluna adulta e freqüentadora da Associação Educacional Quero-Quero², onde sou coordenadora psicopedagógica. Sandra tem Paralisia Cerebral, com seqüelas graves no movimento e na fala. A lesão cerebral a impede de andar, controlar os movimentos de seus braços para direcionar a cadeira de rodas ou mesmo segurar um lápis na mão. A articulação da fala é pouco compreensível para quem não convive com ela diariamente. Sua fala não é ágil e articulada o suficiente para expressar suas idéias, nem tampouco a estrutura e organização de seu pensamento.

Sandra viveu seu período escolar, desde pequena até os 19 anos de idade, na escola especial. Trabalhou seu corpo, sua linguagem, suas habilidades físicas, intelectuais e afetivas, entre tantos outros aspectos. Esse processo aconteceu na clínica de fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e na

pedagogia especializada. Foi descobrindo, ao longo dos anos, que era possível aprender e transformar seus limites, de forma a viver em sintonia com o meio. Este caminho foi de coragem. Ela pôde aprender sobre suas reais possibilidades, conhecendo as impossibilidades traduzidas nas seqüelas que ficaram, decorrentes da anoxia que aconteceu no momento de seu nascimento.

Acompanhei vários anos desta jornada em busca de experienciar o conteúdo pedagógico oferecido pela escola de educação especial, que procurava respeitar modalidades verbais e não verbais de aprendizagem e as habilidades físicas dos alunos com dificuldades na área neuromotora. Este trabalho acontecia à medida que considerávamos as características de aprendizagem e inteligência da pessoa com deficiência neuromotora, tais como: o ritmo diferenciado de aprendizagem, de linguagem e de comunicação, o tempo lento de respostas, devido à incoordenação de movimentos manuais, o uso de adaptações para apontar símbolos na prancha de comunicação.

Sandra participava de uma sala de aula com alunos adolescentes e adultos alfabetizados onde a atenção pedagógica estava focada nas seguintes questões:

1. Oferecer conteúdo compatível com a faixa etária (não infantilizado);
2. Adaptar imagens (por exemplo, com ampliações) para melhorar a visualização;
3. Vivenciar o currículo no contexto social do aluno, garantindo, assim, a motivação.

Aprendíamos dia-a-dia como viver de forma significativa os conteúdos e exigências do conhecimento da escola regular por meio de temas atuais dos periódicos, envolvendo questões científicas, sociais e políticas. Era o trabalho pedagógico realizado em textos acessíveis no cotidiano que sustentavam a formalização curricular dos conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática.

⁽²⁾ A Associação Educacional Quero-Quero de Reabilitação Motora e Educação Especial é uma instituição beneficente em São Paulo fundada em 1976, que oferece atendimento clínico e educacional para portadores de distúrbios neuromotores.

Todo este processo tinha um objetivo claro para Sandra e para nós da equipe: possibilitar o vôo de Sandra e de outros alunos com necessidades educativas especiais para fora da escola especial, em direção ao mundo de todos, para o meio onde interage a realidade de todos os dias.

Books, moda, modelos e deficiência

Sandra crescia em conhecimento e amadurecia seu desejo de sair da escola especial. Muitas vezes, conversávamos sobre seus planos de vida para o presente e para o futuro. Numa dessas ocasiões, Sandra me trouxe a idéia de fazer um *book* com fotos preparadas por um profissional da área de propaganda. Ela dizia: “Eu quero ser modelo”. Falava-me do seu desejo: de ser imagem para o mundo. O fato trouxe divisão na equipe que questionava se deveríamos apoiá-la em algo que, imaginávamos, poderia não ter o resultado que ela desejava: ser modelo profissional. Como psicopedagoga, eu recolhia suas palavras e emoções, ouvindo-a e motivando-a a seguir o que seu coração havia planejado, além de valorizar seu processo de construção de autoria de pensamento.

Coincidentemente, a empresa Benetton lançou uma campanha com um catálogo que trazia modelos que portavam deficiências. Ainda me lembro do dia em que a professora da sala conseguiu esse material e ofereceu ao grupo para ver e discutir. Isto foi um presente para nós, as imagens de muitas pessoas portadoras de deficiência, cada qual com sua singularidade, prestando um serviço ao social de maneiras diferentes de ser modelo. Assim, pessoas com deficiência mental, deficiência física, autistas, vestiam belas e coloridas roupas, com a expressão alegre, triste ou indiferente, e visualmente atraente pela sua propriedade incomum e misteriosa, sua individualidade.

As cores das roupas saltavam aos olhos, o contorno que envolvia os modelos era sutil e belo, os modelos, com olhares distantes, sorridentes,

ou atentos, revelavam o momento da foto como algo especialmente único por ser real. Tudo era esteticamente cuidado num tom de sutileza.

Sandra animou-se para viver sua história de modelo e foi à luta: enfrentou as escadas longas até chegar ao estúdio, lidou com o desequilíbrio corporal para representar, nas fotos, seu corpo em harmonia. Apesar das dificuldades, expressava facialmente um estado de contentamento e realização, mesmo vivendo horas incansáveis de fotos, poses, suspiros, tranquilidade e beleza. O *book* ficou pronto.

Este foi o começo oficial de uma grande jornada em busca de um alvo: incluir-se na vida, no mundo das pessoas que não portam deficiência. É claro que todo esse percurso trazia uma realidade de grandes desafios, à medida que ela se deparava com situações em que era preciso tornar acessível o inacessível, transformando, com humor, as impossibilidades em possibilidades.

Na escola especial, currículo especial

Um dia na escola, Sandra pediu-me, muito aflita, que considerássemos a possibilidade de estudarmos nossos conteúdos curriculares utilizando, além do material adaptado construído pela escola, um livro didático da escola regular. Ela queria viver a experiência do material didático sem adaptações. Iniciei, novamente, uma pesquisa para buscar a melhor indicação didática para o momento pedagógico do grupo.

A escola da Quero-Quero vinha pesquisando a questão de como redimensionar o currículo pedagógico do grupo em que Sandra estudava e que contava com um grande conflito: os alunos eram adultos e viviam um momento de pensamento que não correspondia à idade cronológica. Assim, se não estivéssemos atentos, seria muito fácil que os conteúdos do Ensino Fundamental fossem estudados de maneira inadequada, infantilizando as estratégias de estudo, subestimando os alunos. Para contrapor esta atitude, construímos materiais

que contemplavam os conteúdos necessários das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, entre outras, utilizando como foco temas sociais atuais. Assim, desafiávamos os alunos a aprender o que era necessário para o momento cognitivo sem, no entanto, desvalorizar sua capacidade de aprendizagem.

Um exemplo disso era um trabalho de Língua Portuguesa: com o objetivo de estudar estilos literários, o professor da sala desenvolveu interpretação de texto, gramática, reescrita como processo de vivência da autoria. Para tanto, utilizou letras de músicas de Gilberto Gil como instrumental didático.³

ESTRELA

De Gilberto Gil (1980)

Há

De surgir

Uma estrela no céu cada vez que 'ocê sorrir.

Há

De apagar

Uma estrela no céu cada vez que 'ocê chorar.

Texto paralelo à canção
"Estrela" escrito por Sandra
com ponteira de cabeça

Como fechamento do projeto, promovemos um sarau na escola, momento em que vários alunos puderam apresentar discussões sobre temas literários e releituras, utilizando diferentes linguagens tais como: poesia, música, desenho, prosa, vídeo.

Foi muito bom entrar em contato com estes pedidos de Sandra, que me mobilizavam a seguir os passos de sua demanda cujo alvo era sair da escola especial e ingressar na escola regular. A Quero-Quero já discutia a questão do certificado escolar para nossos alunos e pensávamos em como poderíamos atingir as obrigações determinadas legalmente, levando em conta o tempo diferenciado de aprendizagem de nossos alunos. A nova LDB garante um trabalho

pedagógico para adultos na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA); assim, entendi que o curso supletivo seria o único lugar para ela estudar e conseguir um certificado. No entanto, não sabíamos ainda quando isto poderia acontecer, nem tampouco como.

Embora eu reconhecesse toda a problemática das exigências legais, sabia que: 1º nossos alunos tinham dificuldades reais e 2º as famílias valorizavam o certificado escolar.

Trabalhamos no sentido de fazer acontecer, a cada dia, um passo a mais para atingir o alvo que era preparar os alunos pedagógica e emocionalmente para saírem da escola especial.

O próximo passo que delineamos foi o de construirmos instrumentos de avaliação baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, tendo em vista a exigência de comprovação de conhecimentos do currículo escolar. Estudamos os PCN e selecionamos o prioritário dentro do conteúdo obrigatório para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática em projetos que visavam a atingir os conteúdos exigidos; no entanto, nosso ritmo era mais lento do que o proposto no ensino regular.

Após um ano e seis meses de trabalho com esse enfoque, pudemos sistematizar o conteúdo de português e matemática e, em avaliação, constatamos que Sandra apresentava, formalmente, seus conhecimentos em nível de 2ª série em Língua Portuguesa e 1ª série em Matemática.

EJA: início de uma nova jornada

Sandra sentia-se mais segura à medida que reconhecia e conhecia a sua diferença particular; assim, um dia, ela decidiu visitar o curso supletivo noturno da escola estadual perto de sua casa e onde sua amiga estudava. Conheceu a professora e o grupo de alunos e informou-se sobre como marcar uma entrevista com a diretora. Sua mãe, muito assustada, tinha dúvidas sobre

⁽³⁾ GIL, Gilberto. **Todas as letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

esse passo ousado de sua filha, e muitas vezes trouxe sua aflição, e seus medos:

“ *Como é que ela vai subir as escadas para a sala?* “

“ *E o banheiro como vai ser?*”

“ *Na hora do lanche, quem vai alimentá-la?*”

“ *Quem vai escrever para ela a tarefa da lousa?*”

“ *Será que ela vai ficar sozinha?*”

“ *Como vou levá-la até a escola?... É perto... Mas tem tanta subida...*”

Conversamos muito, procurando alternativas para encaminhar possibilidades, diante de tantas impossibilidades.

Argumentos e contra-argumentos

Sandra agendou o dia para conversar com a diretora e explicar quais eram seus objetivos. Eu a orientei para que neste dia, levasse um *folder* da Quero-Quero. Em seguida, iniciei contatos como coordenadora pedagógica. Liguei para a escola na tentativa de apresentar-me oficialmente, porém era difícil falar com a diretora. O fato concretizou-se somente dois meses depois da visita de Sandra à escola. Consegui falar com a diretora, que mostrou-se muito receosa em aceitar Sandra em sala de aula. Ela levantou problemas como:

“ *Aqui não tem professores especializados.*”

“ *Como vou saber que grupo ela pode frequentar?*”

“ *Como ela fará as tarefas?*”

“ *O prédio tem escadas...* “

Ela falava rápido, os argumentos alinhavavam-se um a um, e ao final ela me disse:

“ *Acho que não vai ser bom para ela...*”

Eu trazia informações importantes com o intuito de tranquilizá-la. Propus um trabalho conjunto: Sandra continuaria frequentando a

clínica e teria apoio pedagógico da Quero-Quero. Disse-lhe também que ela poderia fazer uma avaliação para saber em qual grupo poderia ingressar. Além disso, informei que Sandra escrevia usando uma ponteira de cabeça e, desta forma, digitava o teclado do computador.

“ *Existe alguma sala de aula no térreo?* “

Com a resposta afirmativa, sugeri que o grupo de trabalho de Sandra fosse transferido para este local. Argumentei ainda que também não sabíamos como seria o desempenho de Sandra, mas que era preciso confiar nela como uma pessoa adulta, dotada de perspectivas e objetivos para seu futuro. Ressaltei o quanto a comunidade escolar poderia amadurecer com a presença de Sandra.

O silêncio veio a seguir de minha fala. A diretora pediu tempo para pensar. Eu esperei uma semana, duas, três, um mês, dois meses. Ligava para a escola toda semana procurando encontrá-la, mas... nada de resposta, nada de conversa... eu não sabia se a resposta era sim ou não; eu não podia seguir minha busca enquanto a diretora não retornasse minhas ligações. Como interlocutora, eu deveria insistir em receber uma resposta.

Um dia, consegui falar com a assistente de direção. Expliquei o que vinha se passando há dois meses e reiterei o pedido que ela recebesse Sandra como aluna do curso supletivo. Ela repetiu os argumentos que eu já conhecia e lançou um novo:

“ *Além do que, os alunos que frequentam o curso noturno são perigosos... Na semana passada eles...*”

Colocou-se à disposição para encaminhar Sandra para “outras escolas que talvez tivessem mais condições de recebê-la e onde ela não correria riscos”. Encerrou a conversa dizendo: “ *Eu não tenho condições de recebê-la; não vai ser bom para ela esse clima...*”

Pedi novamente que ouvisse meus argumentos e que pensasse na possibilidade de uma parceria de trabalho, mas ela respondeu: “ *Acho praticamente impossível!* “

Bem, Sandra e eu trocávamos sempre muitas idéias. Ela continuava firme em seu propósito e eu certa de que meu trabalho era apoiá-la, seguindo com ela o caminho da inclusão. Continuei minhas ligações telefônicas semanais ainda por mais dois meses, até que consegui falar com o vice-diretor. Ele me atendeu tão bem quanto as outras diretoras e meus argumentos, novamente, eram aparentemente inúteis. Ele me pediu um tempo para pensar e, no final desse pensamento todo, me disse :

“ Essa escola não é a ideal para a aluna Sandra. Não temos estrutura para recebê-la... Não queremos que ela sofra!”

Escutei e contra-arguntei sobre não termos o direito de decidir antecipadamente o que seria um sofrimento para alguém, sem autorizar que este outro vivesse o que deseja. A nós, cabe apoiar e dar condições para a tarefa cumprir-se da melhor forma possível. Entendia que caso Sandra viesse a arrepende-se de sua decisão, ela poderia sair da escola, porém não poderia fazê-lo se não tivesse tido a oportunidade de freqüentar a escola. Me surpreendi com a resposta:

“ É verdade... Vamos tentar para saber! Mas olha, eu tenho medo!”

Foi então, depois de quatro meses de negociações, que escutei, pela primeira vez, o verdadeiro e sincero argumento:

“ Nós temos medo de não dar conta!”

Os argumentos levantados pelos diretores encaminhavam minhas reflexões para o encontro do medo que todos sentiam ao viver algo desconhecido. Era um sentimento natural. No entanto, reconhecer o medo era necessário para que a escola pudesse, a partir daí, fazer uma nova história. Era preciso esperar o tempo suficiente para que o medo fosse explicitado e depois, sim, eu poderia trabalhar no sentido de oferecer alternativas e estratégias para Sandra aprender na escola regular.

A partir de então, Sandra iniciou o processo de avaliação para ingressar na escola. Minhas ligações telefônicas tinham, neste momento,

outro objetivo: pensar junto com o vice-diretor como viabilizar este processo. Constatamos que o recurso possível para a escrita independente seria a utilização do único computador da escola, localizado na secretaria. Sandra ficou quatro semanas neste local, realizando as provas. O resultado final foi de aprovação em 3ª série em Língua Portuguesa e 2ª série em Matemática. A alegria de Sandra foi tamanha que motivou-nos a marcar uma visita à escola para falar com a professora.

Visita à sala de aula de Sandra do Supletivo

Procurei estar num papel de parceria com todos e me dispus a orientar a professora sempre que precisasse. Fui até a escola juntamente com as professoras que trabalhavam com Sandra na Quero-Quero. Encontramo-nos com Sandra e sua prima, que a acompanhava na escola. Partindo da casa de Sandra, fomos registrando toda nossa visita, filmando em VHS. O prédio onde a família mora se situa na periferia, numa rua de muitas ladeiras. Sandra mora no andar térreo e, para chegar até a rua, precisa descer rampas íngremes. Garotos sobre patins dançando em alta velocidade dividiam o espaço da rampa. Passaram por nós, afoitos.

A saída do prédio foi uma aventura: a calçada quebrada nos obrigou a conduzir a cadeira pelo asfalto, olhando para os faróis dos carros que vinham na direção oposta. Como se não bastasse, um grande buraco obrigou-nos a desviar o percurso ainda mais... Os garotos sobre patins ainda nos rodeavam e depois do buraco, da curva, do carro, desapareceram.

Entramos no carro e nos dirigimos até o prédio da escola. A mãe de Sandra contratou um motorista para levá-la todos os dias. Inscricões e desenhos de todo tipo de temática, de *Bad Boy* a Jesus, nos muros traziam notícias de como eram as coisas por lá. No chão da calçada, entulho de construção; postes de iluminação da rua com lâmpadas queimadas e quebradas; tudo escuro; grades.

Rampas íngremes em ziguezague davam a sensação de montanha-russa. Sandra ria ao descer em velocidade. O pátio interno revelava a linguagem deste contexto. Rapazes desconfiados olhavam para nós e seguiam a filmadora, como se nada fosse novidade. Num grande salão, mulheres de saia longa e cabelos até a cintura, homens jovens ou maduros, meninas de calça justa, aguardavam o sinal.

Um dos banheiros trazia uma placa indicando adaptação para deficiente físico. De fato, existia uma barra de apoio na parede, mas o vaso não tinha assento, não havia papel higiênico e pior, a porta fora retirada. Todas as outras repartições tinham porta, porém, a cadeira de rodas não passava nas medidas das portas existentes - um banheiro adaptado, mas sem privacidade.

A sala de aula onde Sandra estudava ficava no térreo, no fundo do corredor, e recebia os alunos que chegavam mascarando chiclete, chupando bala, roendo unha. Todos os alunos entraram na sala, a professora chegou: "Bom, gente, vamos começar a nossa aula." Todos de pé, fizeram o sinal da cruz e rezaram o Pai Nosso. O lugar de Sandra era no corredor entre as carteiras, e sua acompanhante sentava numa carteira a seu lado. Alterar o lugar de Sandra para a cadeira regular da sala de aula foi nossa primeira intervenção.

A professora entregou textos aos alunos e anunciou a tarefa:

- *Vocês vão fazer dois textinhos. O texto está em letra de forma. Você vai primeiro ler e, depois passar para o caderno.* Para Sandra, ela entregou uma lição diferente: quadrinhos do Chico Bento para construir os diálogos. Quando isso aconteceu, Sandra comentou em voz alta:

" Já sabia que pra mim ia ser bomba, ia ser diferente!"

Enquanto o grupo trabalhava em silêncio, realizando a cópia, a professora foi me contando sobre o nível do grupo e sobre o momento

pedagógico de Sandra. Explicou que Sandra *compreendia culturalmente os assuntos de forma diferente do grupo [sic]* e, por isso, muitas vezes, ela dava leituras e produção de texto para Sandra, enquanto seus colegas faziam um desenho.

A construção de um processo de inclusão

Eu via Sandra na sala de aula junto com o grupo todo e tive uma sensação de dever cumprido que traduzia-se na concretização da oportunidade de Sandra viver sua escolha. Lá, pudemos conhecer a realidade da sala de aula e da professora. Oferecemos muitas orientações de como Sandra poderia ficar mais confortavelmente sentada, de estratégias para facilitar a aprendizagem e de como costuma utilizar a ponteira de cabeça.

Todos os alunos daquele grupo de supletivo noturno eram pessoas que escolheram estar ali. Trabalhavam durante o dia, vivendo tarefas das mais diversas: construam, cozinhavam, lavavam carros, corriam pela cidade com pasta embaixo do braço, varriam a rua, pintavam, derrubavam muros. Todos os alunos daquele grupo, assim como Sandra, haviam optado por submeterem-se ao processo de aprendizagem formal da EJA. Movimentavam-se para dentro do ensino regular, procurando estruturar oficialmente seus conhecimentos sobre os conteúdos valorizados pela sociedade. Eu olhava todos e sentia-me privilegiada em estar vivendo aquela situação. Pude conhecer o processo de inclusão de pessoas que não portavam deficiência - pessoas que trabalhavam e que aprenderam a viver, vivendo, e que, provavelmente, não tiveram a oportunidade de compreender na infância as dimensões espaciais e temporais, a letra, a palavra e o número, na didática da escola, mas sim com a prática da necessidade de viver e sobreviver.

Percebi o movimento desconfortável de mãos grossas que seguravam o lápis que escorregava descontrolado no papel... os olhos que procuravam seguir as linhas preenchidas de palavras que pareciam saltar inquietas... a voz

grossa e rouca que se abaixava sutilmente como que envergonhada de ler palavras como “ervilha, avião, cachorro...” da lição de cruzadinhas.

Presenciando na prática um momento de inclusão escolar, percebi que o processo de inclusão envolve tanto ganhos quanto perdas. Ao sair da escola especial e ingressar no ensino regular, por um lado, Sandra comprovou que consegue acompanhar o ritmo da classe. Por outro, ela se viu diante de recursos didáticos pouco motivadores e incompatíveis com sua faixa etária e interesses (cruzadinhas, desenhos pedagógicos, textos de gibis, entre outros). O conteúdo curricular que os alunos deveriam dominar parecia pouco vinculado à realidade do cotidiano deste grupo de adultos, que, como vimos, trabalhavam nas mais diversas funções. Neste sentido, Sandra passou a lidar com um paradoxo: na Quero-Quero, onde o processo de ensino era exclusivo, havia, da parte da equipe educacional, uma preocupação em realizar um trabalho pedagógico que considerasse a função social, optando por conteúdos significativos; no ensino regular, onde os seus avanços escolares poderiam ser formalmente reconhecidos, no entanto, o desafio de adaptar um conteúdo tradicional às especificidades dos alunos do EJA ainda não foi satisfatoriamente resolvido.

Neste mesmo dia, conversamos com os alunos da sala sobre como era estudar com uma pessoa como Sandra. Os vários depoimentos mostram que Sandra já faz parte do grupo, reconhecida como alguém com capacidade para avançar na escolaridade. Seguem algumas falas que tivemos oportunidade de registrar:

Pra mim ela é normal.

Tirou da cadeira de roda, pra mim ela ficou normal.

Ela tem mais experiência que nós na escola.

Acho que ela é colega mesmo que nem a gente porque a gente estuda aqui tudo junto.

Eu tenho ela como uma grande experiência.

Eu vejo nela um grande esforço.

É fora de série.

Inclusão: movimento para dentro; caminho em direção para aproximar-se de algo; passagem para um novo estado, nova forma.

Esses eram alvos comuns de todos aqueles alunos que estavam naquela sala de aula, à noite, ouvindo a professora, admirando-a em seu saber. Alvos comuns daqueles alunos que, como nós, desejavam reconhecer-se como integrantes e participantes de um grupo, de uma comunidade, de um conhecimento. Como diz Canavelhas (2000:21), “*este precisa ser o viés da inclusão: o viés da hospitalidade, onde o amoldamento e a imitação dão lugar à participação, ao ‘participar com’ o outro, reconhecendo-o e confirmando-o em sua singularidade*”.

Bibliografia

CANAVELHAS, L. B. Psicologia e compromisso social; educação inclusiva: desafios, limites e perspectivas. In: *Psicologia Ciência e Profissão*. São Paulo, Conselho Federal de Psicologia. V. 20, n. 1, p.18-22, 2000.